

ISSN 000-0000

BOLETIM DE CONJUNTURA  
**MERCADO  
DE TRABALHO**

3º TRIMESTRE DE 2019



SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS  
ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA



Estado da Bahia

Governo do Estado da Bahia

Rui Costa

Secretaria do Planejamento – Seplan

Walter de Freitas Pinheiro

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais  
da Bahia – SEI

Jorgete Oliveira Gomes da Costa

Diretoria de Pesquisas – Dipeq

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação Editorial

Armando Affonso de Castro Neto

Luiz Fernando Araújo Lobo

Elaboração Técnica

Guillermo Javier Pedreira Etkin

Luiz Chateaubriand Cavalcanti dos Santos

Luiz Fernando Araújo Lobo

Silvânia Ferreira Conceição

Coordenação de Biblioteca e Documentação – Cobi  
Normalização

Eliana Marta Gomes Silva Sousa

Editoria-geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto

Editoria de Arte e de Estilo

Ludmila Nagamatsu

Revisão

Elvira Mejía

Editoração

Adir Filho

Projeto Gráfico

Nando Cordeiro

Av. Luiz Viana Filho, 4ª Av., 435, CAB.

Cep: 41.745-002. Salvador(BA)

Tel.: (71) 3115 4822 / 3115 4786 Fax.: (71) 3116 1781

www.sei.ba.gov.br

sei@sei.ba.gov.br

# SUMÁRIO

3º TRIMESTRE DE 2019	<b>1</b>
CENÁRIO ECONÔMICO	<b>2</b>
MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO O CAGED	<b>3</b>
MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO A PNAD CONTÍNUA	<b>9</b>
PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO	<b>13</b>
Expectativa dos empresários baianos para o emprego	<b>13</b>
Projeção do emprego formal	<b>15</b>
CONSIDERAÇÕES FINAIS	<b>16</b>
NOTAS METODOLÓGICAS	<b>17</b>
Pesquisa de confiança do empresariado baiano	<b>17</b>
Projeções do mercado de trabalho formal	<b>18</b>

# 3º TRIMESTRE DE 2019

O ano se direciona para o seu final e, até agora, não há mudanças significativas em termos de desempenho. O crescimento econômico, já se sabe, não será expressivo e os indicadores da atividade econômica ficarão, em sua maioria, aquém dos níveis prenunciados. Para este ano, restará frustração. Mesmo com o período recessivo cada vez mais no passado, o início de um processo vigoroso de recuperação e o retorno aos níveis pré-crise ainda não aconteceram. Assim sendo, o desafio da retomada, no sentido estrito de regresso à condição ou ao padrão anterior, continua posto. As expectativas de redenção, agora, se encontram todas projetadas para 2020. No entanto, faz-se importante preservar o alerta: a lentidão se manterá como principal predicado desse percurso.

Nesse compasso, o mercado de trabalho, cuja dinâmica apresenta movimentos retardados perante os ciclos econômicos, também enfrenta atribulações e, por isso, sua reabilitação deve ser compreendida como um processo lento e gradual. Mesmo sem emplacar um processo de melhoria pujante e universal, o mercado de trabalho revelou um quadro relativamente mais favorável no intervalo mais recente. Todavia, ainda que os últimos resultados permitam crer que o cenário conjuntural adverso tenha ficado para trás, não se pode defender a ideia irrestrita de progresso sustentável e robusto.

Sem desconsiderar a ocorrência de resultados positivos, a evolução do mercado de trabalho não pode ser contemplada sem que esteja emoldurada por ressalvas. Na Bahia, especificamente, a fase atual de geração de postos formais tem sido muito mais vagarosa e menos impactante do que a de supressão líquida vivenciada nos meses de crise, visto que o saldo de aproximadamente 69 mil vagas, geradas de 2017 até agora, sequer alcançou a metade do montante de quase 150 mil postos eliminados em 2015 e 2016; o surgimento líquido de empregos com carteira assinada no acumulado deste ano se deu, única e exclusivamente, nos postos que remuneravam menos – as faixas de até um e de um a dois salários mínimos; no geral, a reação do mercado de trabalho vem se beneficiando mais da rigidez nos desligamentos, pela proximidade com os seus menores níveis, do que de um galope nas admissões; mesmo com as quedas recentes, a taxa de desocupação permaneceu acima de sua equivalente em 2018; o quantitativo de subocupados por insuficiência de horas trabalhadas, a taxa de subocupação e a taxa de subutilização da força de trabalho se mostraram maiores que há um ano; mesmo com a redução do número de desocupados, o tempo de permanência na desocupação aumentou ao longo do ano; o exército de desalentados no estado se revelou o segundo maior registro da série e o maior do país; o rendimento médio real dos trabalhadores locais só fez cair ao longo deste ano; e a massa de rendimentos dos ocupados diminuiu em um ano. Tudo isso sem se debruçar sobre a qualidade das ocupações geradas.

A realidade laboral baiana é examinada, neste boletim, tendo por base os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC). As informações levantadas e as considerações erigidas sugerem que o mercado de trabalho local se encontra numa rota de progresso gradativo, mas pouco disseminado e robusto. Apesar da recomposição de alguns indicadores no período recente, fica patente a necessidade de maiores avanços para se ter caracterizada uma recuperação ampla e enraizada. Assim, a cautela se constitui num dos pré-requisitos para a compreensão da grandeza e do alcance da reabilitação observada por ora.

# CENÁRIO ECONÔMICO

O terceiro trimestre não foi melhor que o segundo. Em suma, não foi desta vez que a economia baiana deslanchou. A conclusão continua a mesma: há uma morosidade quase generalizada e persistente. Desta vez, apenas o setor de comércio celebrou desfecho positivo, apesar de ainda distante de uma dinâmica transformadora. A atividade agropecuária, após o bom desempenho do ano passado, tende a amargar uma produção bem menor este ano. A indústria continuou vivenciando uma realidade trôpega, sob a qual qualquer sinal de recuperação parece não resistir à passagem do tempo. O setor de serviços, que já havia despontado com resultado negativo ao final do segundo trimestre, voltou a perder fôlego. Como se não bastasse, o empresariado baiano permaneceu sem nutrir qualquer esperança de inflexão no quadro, de forma que o indicador de confiança continuou sem reação e apontando pessimismo nos meses do trimestre mais recente.

De maneira efetiva, conforme o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relativo ao mês de setembro, a estimativa para a safra baiana de grãos de 2019 aponta para o encolhimento de 10,7% em relação ao volume do ano anterior, quando a produção totalizou quase 10,0 milhões de toneladas. A produção física de grãos deverá fechar o ano com aproximadamente 8,9 milhões de toneladas. Dessa forma, diante da expectativa de ampliação de 1,2% da área colhida, a produtividade, entendida como a relação entre produção física e área colhida, deverá retrair 11,8%.

Em relação à indústria, de acordo com as informações da Pesquisa Industrial Mensal, do IBGE, a produção baiana acumulada de julho a setembro de 2019 teve uma diminuição de 5,5% frente ao montante produzido no mesmo intervalo de 2018 – emendando três quedas seguidas nessa base de comparação. O decréscimo no ritmo produtivo do setor ocorreu tanto na indústria de transformação, a qual recuou 5,4%, quanto na extrativa, onde houve queda de 6,4% em relação ao terceiro trimestre do ano passado. No acumulado dos últimos 12 meses, o quadro foi de moderado revés para o total da atividade fabril, com retração de 1,5% em relação a igual período imediatamente anterior.

O setor de serviços se retraiu consideravelmente no trimestre. Conforme a Pesquisa Mensal de Serviços, do IBGE, o volume de serviços prestados, acumulado entre julho e setembro de 2019, em relação ao valor observado nos mesmos meses de 2018, exibiu uma redução de 4,7% – quarta queda após três altas sucessivas na comparação interanual por trimestre móvel. No acumulado dos últimos 12 meses, a variação continuou negativa, com retrocesso de 2,4%.

Relativamente à atividade comercial, a Pesquisa Mensal de Comércio, do IBGE, mostrou uma alteração positiva no volume de vendas do varejo baiano no terceiro trimestre de 2019 no confronto interanual, com alta de 1,6%. A comparação com o mesmo período do ano anterior, depois de um leve recuo, voltou a apresentar avanço. No acumulado de 12 meses, frente a igual intervalo imediatamente anterior, o indicador para o volume de vendas também indicou ampliação, no caso de 1,1% – completando oito meses com resultado acima de zero nessa base de comparação.

Além do mais, ao final do trimestre, conforme o Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (ICEB), calculado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), a confiança do empresariado local continuou fatigada, apesar de menos atrofiada que ao término do trimestre imediatamente anterior. No entanto, dentro do próprio trimestre, houve deterioração, já que o ICEB terminou num patamar inferior ao do início. No meio desse intervalo, ademais, a confiança chegou a atingir o pior nível do ano. À vista disso, a dinâmica de recuperação da confiança dos empresários do estado, observada desde abril de 2016, quando o ICEB marcou -488 pontos, parece não ter conseguido ganhar fôlego ao longo do terceiro trimestre de 2019 (julho: -64 pontos; agosto: -125 pontos; e setembro: -83 pontos), repercutindo um processo de acomodação das expectativas, que avançaram consideravelmente desde agosto de 2018. Assumindo um viés de baixa e continuando a indicar pessimismo moderado, os últimos resultados do ICEB, no entanto, não sustaram o movimento mais amplo de resgate da confiança no meio empresarial baiano iniciado há três anos e também não enfraqueceram a crença de que algum nível de otimismo volte a ser a tônica em médio prazo.

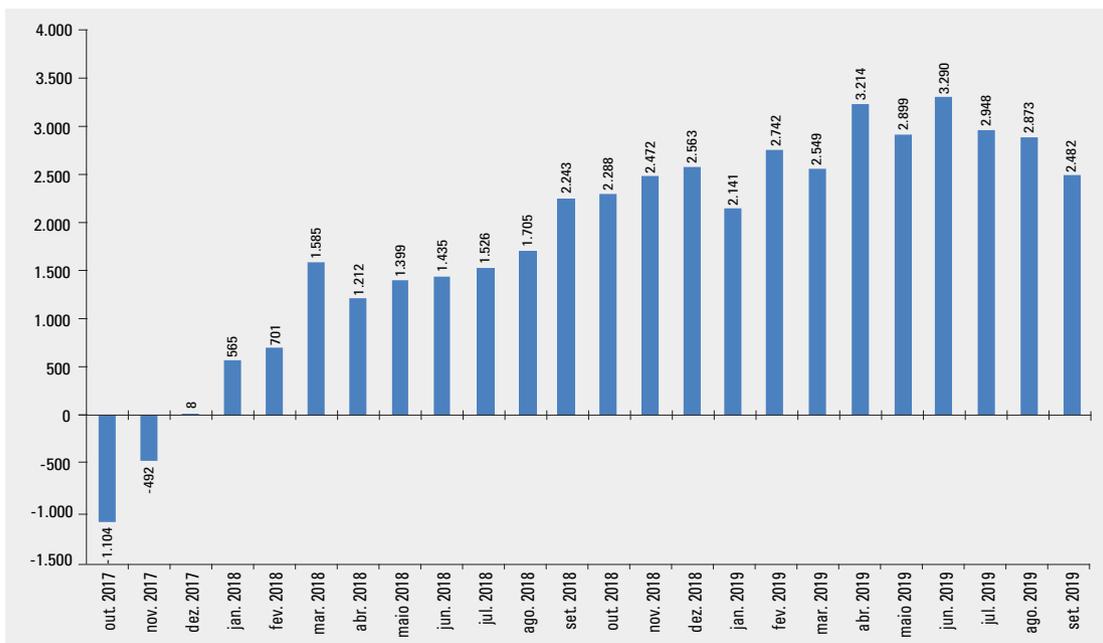
## MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO O CAGED

Desde o pior momento da conjuntura recente, em junho de 2016, quando da perda líquida de 7.384 postos em termos de médias móveis de 12 meses, o mercado de trabalho baiano vem seguindo um itinerário paulatino de reabilitação, evidenciando ter relegado ao passado os momentos mais críticos. Contabilizando os registros do terceiro trimestre, já são 22 meses seguidos com saldo positivo de empregos formais<sup>1</sup>. Antes disso, porém, foram 33 meses ininterruptos sem surgimento líquido de oportunidades ocupacionais.

Na maior parte do tempo, a trajetória de resultados positivos tem sido crescente, mas com descaídas, comportamento próprio de uma recuperação arrastada e sem tração. Assim, além de vagaroso, o percurso nem sempre tem sido contínuo. O terceiro trimestre, especificamente, evidenciou três recuos em sequência e encerrou com o segundo menor saldo médio do ano, ampliando a suspeição quanto à intensidade da restauração – isso, após a chancela, em junho, do melhor resultado dos últimos 60 meses, uma geração média de 3.290 postos (Gráfico 1). O processo de regeneração, enfim, tem se mostrado mais lento do que o da deterioração recente. Dessa maneira, mesmo superado o ciclo de contração e perante manifesto progresso, o mercado de trabalho local ainda requer um dinamismo bem mais vigoroso para, no mínimo, compensar as perdas líquidas ocorridas no passado.

---

<sup>1</sup> Ao longo do texto, o termo emprego formal se refere à relação empregatícia com contrato de trabalho regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).



**Gráfico 1**

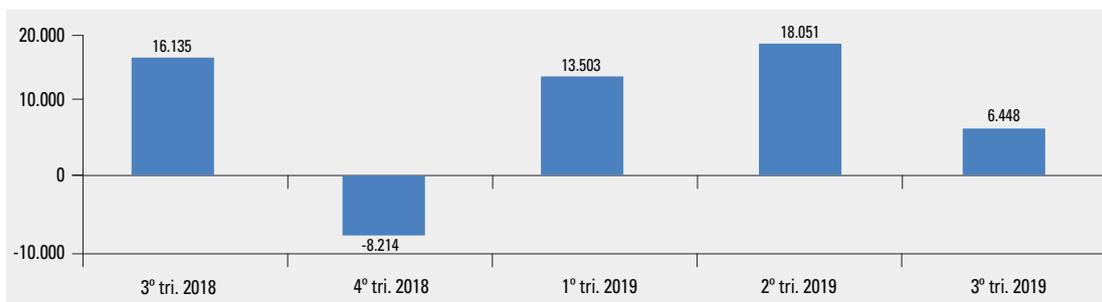
**Evolução do saldo de empregos formais por média móvel de doze meses – Bahia – Out. 2017-set. 2019**

Fonte: Ministério da Economia – Secretaria Especial de Previdência e Trabalho – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).  
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2019.

Em 2019, até setembro, foram gerados 38.002 postos de trabalho na Bahia, o que representou uma elevação de aproximadamente 2,2% no contingente de 1.692.114 empregos com carteira assinada existente ao final do ano anterior – nutrindo, dessa forma, o entusiasmo quanto à possibilidade de continuação do processo de reabilitação vivenciado em 2018, quando emergiram pouco mais de 30 mil postos. Entretanto, não se pode perder de vista que ainda falta muito para, pelo menos, neutralizar as perdas dos anos de crise, quando quase 150 mil postos celetistas foram encerrados – especificamente, 76.090 e 73.067 postos em 2015 e 2016, respectivamente.

Com uma geração líquida de 6.448 vagas, o terceiro trimestre de 2019 foi mais um mercado pelo avanço do nível do emprego no estado. Constata-se, assim, o terceiro ano seguido com crescimento da ocupação nesse trimestre na Bahia. Entretanto, um destaque negativo fica por conta de uma geração líquida menor agora do que no mesmo intervalo do ano anterior, quando 16.135 postos foram abertos (Gráfico 2). Além do mais, trata-se do resultado trimestral mais constrito deste ano.

A eclosão líquida de empregos formais no mercado de trabalho baiano foi realidade em dois meses do referido trimestre, já que um deles testemunhou queda da ocupação – diferentemente, portanto, do acontecido um ano antes, quando todos os meses evidenciaram resultado positivo. Enquanto agosto e setembro despontaram com saldos positivos, de 3.831 e 4.565 novas vagas, respectivamente, o mês de julho comportou resultado negativo, com 1.948 postos eliminados – por sinal, o único revés do ano.



**Gráfico 2**  
**Evolução do saldo de empregos formais por trimestre – Bahia – 3º tri. 2018-3º tri. 2019**

Fonte: Ministério da Economia – Secretaria Especial de Previdência e Trabalho – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2019.

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

A expansão do mercado de trabalho formal baiano no terceiro trimestre não atingiu todos os estratos setoriais, já que houve enxugamento líquido de postos em um deles. Nesse aspecto, a situação se revelou melhor do que a do mesmo trimestre do ano anterior, quando dois setores fecharam mais vagas do que abriram. Entretanto, desta vez, apenas quatro das oito atividades exibiram um desempenho melhor (Indústria de Transformação, Serviços Industriais de Utilidade Pública, Construção Civil e Administração Pública). No trimestre imediatamente antecedente, por outro lado, nenhum setor havia apontado saldo negativo de empregos celetistas (Tabela 1).

Em uma avaliação setorial, Construção Civil e Indústria de Transformação, com geração líquida de 5.243 e 2.621 postos de trabalho no terceiro trimestre de 2019, respectivamente, destacaram-se com os desempenhos mais proeminentes. Em contrapartida, conforme se pode acompanhar pela tabela abaixo, o setor de Agropecuária (-3.007 postos) foi o único com dispensa líquida de trabalhadores no citado intervalo na Bahia.

**Tabela 1**  
**Saldo de empregos formais por setor de atividade econômica, por trimestre – Bahia – 3º tri. 2018/2º tri. 2019/3º tri. 2019**

Setor de atividade econômica	3º tri. 2018	2º tri. 2019	3º tri. 2019
Extrativa Mineral	511	278	108
Indústria de Transformação	2.326	1.736	2.621
Serviços Industriais de Utilidade Pública	262	140	314
Construção Civil	3.021	4.457	5.243
Comércio	420	1.042	319
Serviços	10.398	3.713	477
Administração Pública	-34	140	373
Agropecuária, Ext. Vegetal, Caça e Pesca	-769	6.545	-3.007
<b>Total</b>	<b>16.135</b>	<b>18.051</b>	<b>6.448</b>

Fonte: Ministério da Economia – Secretaria Especial de Previdência e Trabalho – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2019.

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais dados contam com o ajuste das declarações realizadas fora do prazo.

O saldo de empregos com carteira assinada também foi positivo para o país no terceiro trimestre de 2019, com 331.942 postos a mais. Além disso, vale ressaltar, todas as regiões geraram postos de trabalho. O Norte, com ganho líquido de 28.592 empregos celetistas, teve a menor geração, e o Sudeste, com o aparecimento de 136.319 novas vagas, registrou a maior. Das unidades da Federação, em 25 houve surgimento líquido. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com acréscimo de 6.448 oportunidades ocupacionais, ficou na 14<sup>a</sup>

posição, 11 colocações acima da verificada no trimestre anterior. Entre os estados nordestinos, todos obtiveram resultado positivo. A Bahia ficou com o sexto melhor desempenho regional, enquanto Pernambuco (+28.830 postos) e Sergipe (+2.294 postos) exibiram o maior e o menor saldo do Nordeste no mesmo período, respectivamente.

Quanto à distribuição intraestadual, no terceiro trimestre deste ano, a Região Metropolitana de Salvador (RMS) e o interior experimentaram surgimento líquido de vagas, semelhantemente ao ocorrido um ano antes (Tabela 2). Enquanto na primeira região foram gerados 633 novos empregos com registro em carteira, na segunda, o resultado foi de 5.815 postos a mais – números inferiores aos do mesmo intervalo do ano anterior. Em relação ao trimestre imediatamente antecedente, quando oportunidades despontaram em ambas as localidades do estado, o quadro atual também se mostrou menos pujante para as duas áreas.

Ao longo dos nove primeiros meses de 2019, a criação de empregos formais na Bahia (+38.002 postos) foi avalizada principalmente pelo desempenho do interior (+31.648 postos), já que a RMS (+6.354 postos) registrou um ganho líquido de postos menos expressivo, aproximadamente um quinto do saldo do interior, o que evidenciou o protagonismo daquela região na geração de vagas no estado. De certa forma, o espaço metropolitano vem se constituindo num entrave a um dinamismo mais contundente do mercado de trabalho formal em território baiano este ano.

**Tabela 2**

**Saldo de empregos formais entre RMS e interior, por trimestre – 3º tri. 2018/2º tri. 2019/3º tri. 2019**

Área geográfica	3º tri. 2018	2º tri. 2019	3º tri. 2019
Bahia	16.135	18.051	6.448
RMS	9.775	677	633
Interior	6.360	17.374	5.815

Fonte: Ministério da Economia – Secretaria Especial de Previdência e Trabalho – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2019.

A RMS engloba os municípios de Camaçari, Candeias, Dias D'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, Pojuca, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Simões Filho e Vera Cruz (Lei nº 13.468/2015).

O saldo positivo de 6.448 empregos formais na Bahia, observado no terceiro trimestre, foi proveniente de 158.293 admissões e 151.845 desligamentos (Tabela 3). Em relação ao mesmo trimestre do ano antecedente, tanto as admissões quanto os desligamentos aumentaram – aquelas em 2,4% (3.734 admitidos a mais) e estes em 9,7% (13.421 desligados a menos). A alta das contratações numa amplitude inferior ao aumento dos desligamentos ajuda a entender a ocorrência de um resultado positivo relativamente comedido no trimestre recente.

Num cenário com estoque de empregos em níveis ainda historicamente baixos, que confere alguma rigidez aos desligamentos, o salto recente nas demissões desperta preocupação, sendo a maior variação positiva anual desde a verificada no terceiro trimestre de 2011. O montante de dispensados, apesar de ainda ser o décimo menor em quase dez anos, se revelou o mais dilatado desde o primeiro trimestre de 2017. Assim, mesmo com o número de admitidos distante dos maiores registros, que denuncia certa dificuldade em se alocar e realocar, pode-se inferir que o obstáculo para uma sólida alavancagem do mercado de trabalho baiano também passa a ser sustentado pela complicação em se manter em uma vaga.

Conforme a tabela abaixo, houve aumento na maioria das formas de movimentação no mercado de trabalho baiano no terceiro trimestre de 2019 em relação ao penúltimo trimestre de 2018<sup>2</sup>. Em termos absolutos, a alta nas admissões ecoou a ascensão em duas das formas de contratação: o contrato por prazo determinado e a admissão por reemprego. Enquanto isso, a elevação nos desligamentos foi puxada principalmente pelos crescimentos verificados nas demissões sem justa causa, nos término de contrato por prazo determinado e nos desligamentos a pedido.

No campo das admissões, o reemprego<sup>3</sup>, tipo de contratação mais comum, avançou 1,3% na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior. Quanto aos desligamentos, a demissão sem justa causa, forma mais habitual de findar uma relação empregatícia, apresentou crescimento de 7,3%. Entre todas as categorias, em termos relativos, os término de contrato de trabalho por prazo determinado (+51,1%) e os contratos por prazo determinado (+27,3%) exibiram as maiores altas de um trimestre para outro. Na outra ponta, as admissões por reintegração (-44,1%) e as desligamentos por aposentadoria (-17,0%) apresentaram os recuos de maior magnitude.

**Tabela 3**  
**Comportamento do mercado de trabalho formal por tipo de movimentação no quadro de empregados, por trimestre – Bahia – 3º tri. 2018/3º tri. 2019**

Tipo mov. desagregado	3º tri. 2018	3º tri. 2019	Variação	
			Relativa	Absoluta
Admissão por Reemprego	127.914	129.563	1,3%	1.649
Contrato Trabalho Prazo Determinado	12.514	15.930	27,3%	3.416
Admissão por Primeiro Emprego	13.911	12.677	-8,9%	-1.234
Admissão por Reintegração	220	123	-44,1%	-97
Admissão por Transferência	0	0	-	-
<b>Total de Admissões</b>	<b>154.559</b>	<b>158.293</b>	<b>2,4%</b>	<b>3.734</b>
Desligamento por Demissão sem Justa Causa	92.572	99.331	7,3%	6.759
Desligamento por Término de Contrato	20.440	21.725	6,3%	1.285
Desligamento a Pedido	17.347	19.937	14,9%	2.590
Término Contrato Trabalho Prazo Determinado	5.087	7.687	51,1%	2.600
Desligamento por Acordo Empregado e Empregador	1.206	1.425	18,2%	219
Desligamento por Demissão com Justa Causa	1.056	1.109	5,0%	53
Desligamento por Morte	551	494	-10,3%	-57
Desligamento por Aposentadoria	165	137	-17,0%	-28
Desligamento por Transferência	0	0	-	-
<b>Total de Desligamentos</b>	<b>138.424</b>	<b>151.845</b>	<b>9,7%</b>	<b>13.421</b>
<b>Saldo (Admissões - Desligamentos)</b>	<b>16.135</b>	<b>6.448</b>	<b>-</b>	<b>-</b>

Fonte: Ministério da Economia – Secretaria Especial de Previdência e Trabalho – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2019.

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais dados contam com o ajuste das declarações realizadas fora do prazo.

De julho a setembro, mesmo perante um saldo positivo relativamente achatado no agregado, pois se refere ao menor quantitativo trimestral do ano, o surgimento líquido de vagas alcançou três estratos de remuneração (de até um, de um a dois e de dois a cinco salários mínimos). Trata-se, portanto, de um panorama semelhante ao observado há um ano e mais favorável que o esboçado no segundo trimestre de 2019, quando a abertura líquida de postos ocorreu em apenas duas categorias, aquelas de mais baixo retorno financeiro (Gráfico 3).

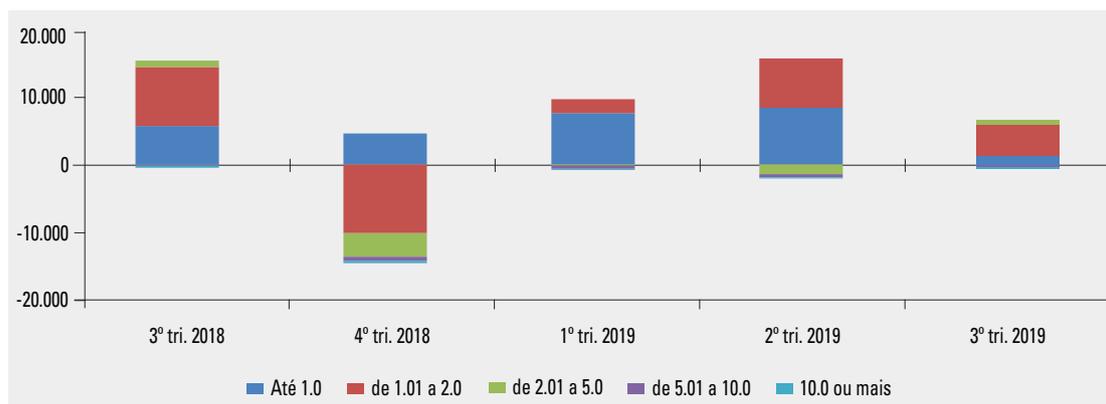
2O desligamento por acordo se trata de uma nova categoria de movimentação, criada pela mais recente reforma trabalhista (Lei nº 13.467/17), cuja vigência teve início no dia 11 de novembro de 2017.

3 Reempregado é aquele que já havia exercido ocupação formal no mercado de trabalho anteriormente.

A captação líquida de trabalhadores no trimestre mais recente somente não se deu para os postos com maiores remunerações, as faixas de cinco a dez e de dez ou mais salários mínimos – sendo que o resultado negativo conjunto nestas não foi suficiente para suplantar o somatório dos saldos positivos nas demais. A tática em disponibilizar oportunidades para as ocupações com as mais baixas remunerações, adotada pelas empresas como forma de evitar o avanço dos custos, parece ter sido flexibilizada, já que agora alcançou também aquelas na faixa de dois a cinco salários mínimos, conduta condizente com um cenário de recuperação econômica marcada por lentidão e pouca vitalidade.

Assim como no terceiro trimestre de 2018, a maior geração líquida de vínculos despontou no grupamento de um a dois salários mínimos no intervalo mais recente. O maior corte líquido, por sua vez, não ocorreu na mesma camada de um ano antes, já que agora atingiu a de dois a cinco e não a de cinco a dez salários mínimos. No trimestre imediatamente antecedente, as faixas de até um e de dois a cinco salários mínimos foram os destaques positivo e negativo, respectivamente.

Em um ano, o saldo de postos de trabalho se mostrou menor em quase todos os estratos de rendimento, com exceção da faixa de dez ou mais salários mínimos. Quer dizer, a categoria dos que receberam mais de dez salários mínimos foi a única cujo volume não desidratou no comparativo entre os intervalos. Entre as categorias que regrediram no quesito saldo, a dos que receberam de um a dois salários mínimos apresentou a maior diferença em termos absolutos. Em relação ao segundo trimestre de 2019, o atrofiamento aconteceu em três classes de remunerações, as de até um, de um a dois e de dez ou mais salários mínimos.



**Gráfico 3**  
**Evolução trimestral do saldo de empregos formais por faixa de salário mínimo – Bahia – 3º tri. 2018-3º tri. 2019**

Fonte: Ministério da Economia – Secretaria Especial de Previdência e Trabalho – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

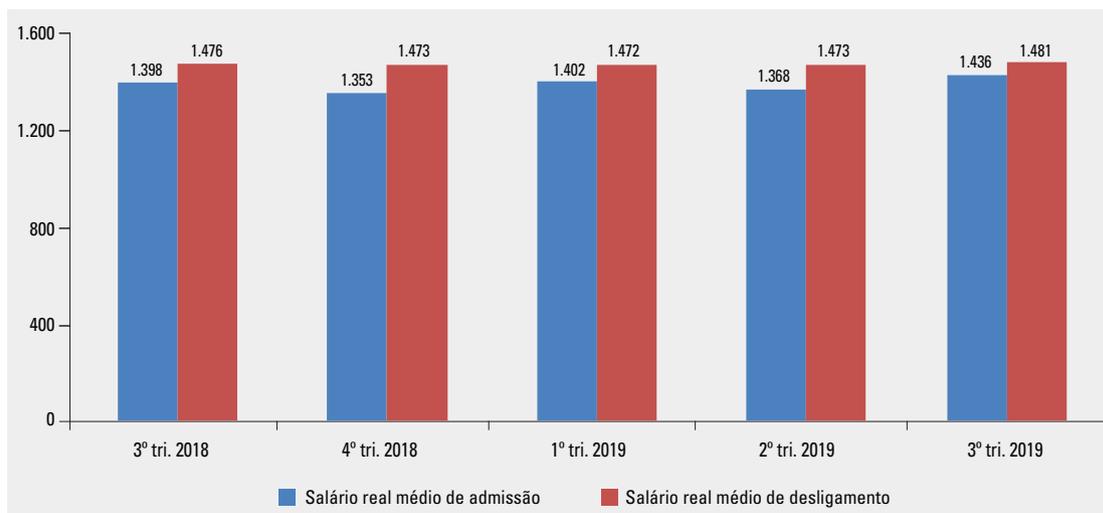
Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2019.

As informações trabalhadas não contemplam as declarações fora do prazo.

O salário real médio de admissão, na Bahia, chegou a R\$ 1.436 no terceiro trimestre de 2019 – inferior em R\$ 176 em relação ao do país, de R\$ 1.612. Trata-se da maior quantia desde o início de 2017. A remuneração média dos trabalhadores admitidos, assim, manteve o movimento de vaivém e, após retração no período imediatamente anterior, voltou a subir no trimestre mais recente. Em relação ao trimestre antecedente, quando alcançou R\$ 1.368, houve alta aproximada de 5,0%. Na comparação interanual, ocorreu uma subida de 2,7%, já que, à época, o valor havia sido de R\$ 1.398. A evolução trimestral deste importante indicador pode ser acompanhada no gráfico abaixo.

O salário real médio de desligamento, por sua vez, emendou a segunda alta seguida na Bahia, ficando num nível superior ao registrado em todos os trimestres convencionais de um ano para cá (Gráfico 4). O valor mais recente chegou a R\$ 1.481, o que representou um aumento de 0,6% e 0,3% sobre aqueles registrados no mesmo intervalo de 2018 e no trimestre imediatamente anterior, respectivamente. No período tratado, no Brasil, o montante havia sido de R\$ 1.774, ficando, portanto, R\$ 293 acima do registrado em território baiano.

A diferença relativa entre o salário real médio dos desligados e admitidos, no terceiro trimestre, diminuiu comparativamente à observada tanto no trimestre anterior quanto no mesmo trimestre de 2018. Enquanto no intervalo mais atual, o trabalhador admitido recebeu, em média, 96,9% do recebido pelo trabalhador desligado, no trimestre precedente e no terceiro de 2018, esses percentuais foram de 92,9% e 94,7%, respectivamente – denotando, dessa maneira, aumento do preço de rotatividade da mão de obra na Bahia.



**Gráfico 4**  
**Salário real médio de admissão e de desligamento por trimestre – Bahia – 3º tri. 2018-3º tri. 2019**

Fonte: Ministério da Economia – Secretaria Especial de Previdência e Trabalho – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2019.

Dados deflacionados em relação a setembro de 2019 pelo INPC.

## MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO A PNAD CONTÍNUA

Conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, sintetizados na Tabela 4, no terceiro trimestre de 2019, a desocupação na Bahia atingiu 16,8% da população na força de trabalho. O resultado em questão representou a sétima maior taxa trimestral de desocupação desde o início da pesquisa, mas a maior quando se volta apenas aos registros dos terceiros trimestres<sup>4</sup>. Para o território brasileiro como um todo, a taxa foi de 11,8% no referido trimestre, o décimo maior valor desde o princípio da série.

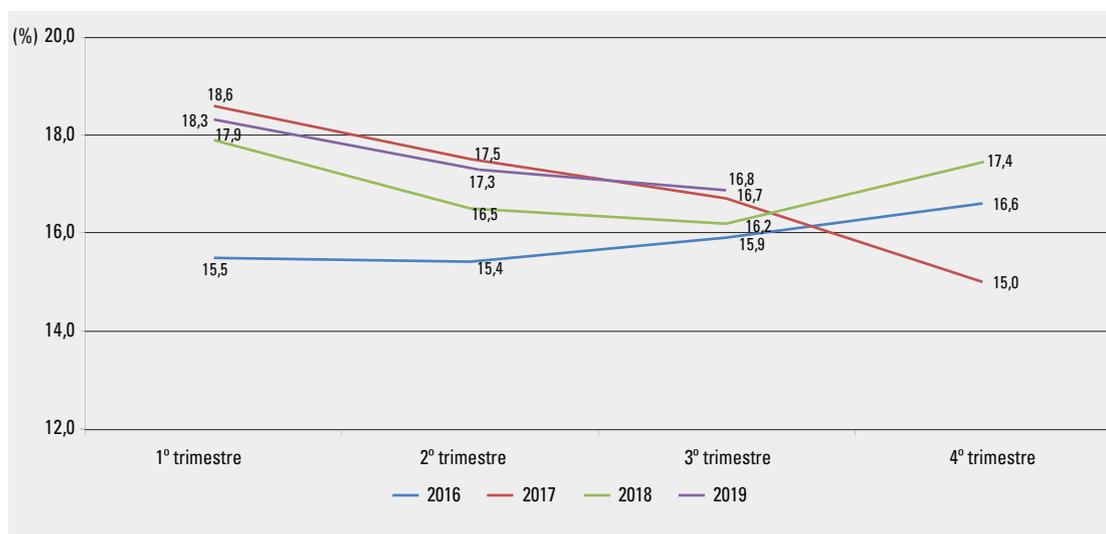
A Bahia persistiu com uma taxa de desocupação superior às do Brasil (11,8%) e do Nordeste (14,4%) no terceiro trimestre de 2019. A Região Nordeste, por sinal, permaneceu com a mais alta

4 A PNADC foi implantada em caráter definitivo em janeiro de 2012.

taxa entre as regiões brasileiras, ficando a Região Sul com a menor (8,1%). Entre as unidades da Federação, a Bahia exibiu a mais elevada taxa – fato repetido pela segunda vez em sequência. Enquanto isso, Amapá (16,7%) foi o estado com a segunda maior taxa no período, e Santa Catarina (5,8%) apresentou a menor.

Após a subida no início deste ano, quando atingiu 18,3%, a taxa de desocupação no estado recuou 1,5 ponto percentual nos dois trimestres seguintes (Gráfico 5). Do primeiro ao segundo trimestre do ano, quando passou de 18,3% para 17,3%, a taxa havia diminuído 1,0 ponto percentual e, agora, em relação ao trimestre imediatamente antecedente, a queda foi de 0,5 ponto percentual. Em relação ao mesmo conjunto de meses de 2018, quando o indicador foi estimado em 16,2%, houve crescimento, com a taxa mais recente ficando 0,6 ponto percentual acima<sup>5</sup>.

Assim, depois de duas altas em sequência, ocorridas no último trimestre de 2018 e no primeiro deste ano, a taxa de desocupação diminuiu pela segunda vez e fortaleceu a trajetória a jusante, fazendo desse percurso um elemento de reforço perante a perspectiva de reabilitação. Entretanto, apesar de animadora, a dinâmica recente não chega a ser surpresa, pois reflete um comportamento relativamente comum do mercado de trabalho nessa época do ano – apenas em 2015 e 2016 a taxa do terceiro trimestre não ficou abaixo da do segundo. Além do mais, até o momento, em 2019, as taxas trimestrais de desocupação têm sido maiores que suas correspondentes no ano imediatamente anterior.



**Gráfico 5**  
**Taxa trimestral de desocupação – Bahia – 2016-2019**

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC).  
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2019.

O percentual de pessoas de 14 anos ou mais de idade ocupadas em território baiano aumentou no comparativo com o trimestre imediatamente antecedente e reduziu em relação ao de um ano antes. Dessa forma, o nível da ocupação ficou em 48,4% no terceiro trimestre, ao passo que havia sido de 48,3% e 48,9% no segundo trimestre deste ano e no terceiro de 2018,

<sup>5</sup> As reduções verificadas tanto em relação ao segundo trimestre deste ano quanto ao terceiro trimestre de 2018, tecnicamente, sugerem estabilidade, já que não se mostraram significativas estatisticamente.

respectivamente. A taxa de participação, por sua vez, exibiu recuo em relação aos trimestres de referência, registrando 58,2% no intervalo mais recente – em cada confronto, houve queda de 0,2 ponto percentual<sup>6</sup>.

No trimestre analisado, a população ocupada foi estimada em 5,802 milhões, representando queda de 1,0% (-58 mil pessoas) em contraponto ao mesmo período do ano passado e de 0,1% (-4 mil) comparativamente ao trimestre imediatamente anterior. A população desocupada foi estimada em 1,170 milhão de indivíduos, recuo de 3,7% (-45 mil) frente à do segundo trimestre deste ano e avanço de 3,5% (+39 mil) em relação à do mesmo trimestre de um ano antes. Assim sendo, em relação ao registrado há um ano, a eliminação de postos de trabalho (-58 mil) num patamar superior ao da saída de indivíduos na força de trabalho (-19 mil) terminou por pressionar para cima o contingente de desocupados (+39 mil).

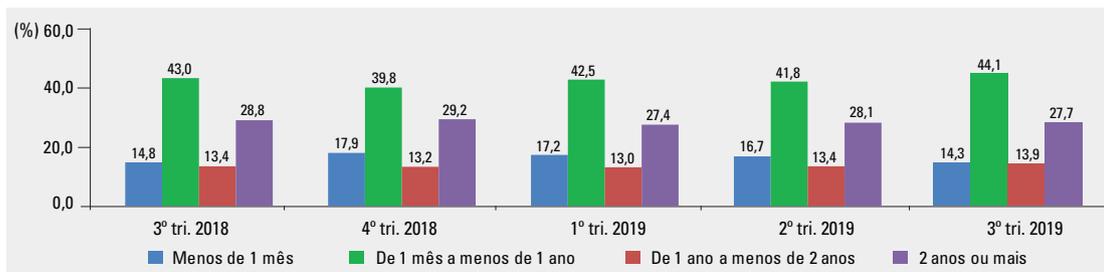
A despeito do recuo do número de desocupados na margem, o tempo de permanência na desocupação mostrou um diminuto aumento na Bahia, constituindo-se numa trincheira adicional para um recuo mais veloz do desemprego e num fator potencializador do desalento. A parcela de pessoas sem ocupação e procurando por trabalho durante um ano ou mais passou de 41,5% para 41,6%. Especificamente, a porção de desocupados entre um e dois anos se elevou e aquela por dois anos ou mais diminuiu, visto que passaram de 13,4% e 28,1% para 13,9% e 27,7% do segundo trimestre ao mais recente, respectivamente (Gráfico 6). Portanto, um dado ainda preocupante, já que mais de quatro em cada dez desocupados se encontravam, há pelo menos um ano, nessa condição no trimestre mais recente, ou seja, mais de 40,0% enfrentavam o drama do desemprego de longa duração. Em um ano, entretanto, houve ligeiro recuo, já que à época essa parcela estava em 42,2%.

Por sua vez, o desemprego de curta duração reduziu infimamente em relação ao trimestre imediatamente passado. O percentual dos que buscavam uma recolocação no mercado de trabalho, no espaço inferior a um ano, caiu ligeiramente nesse período, passando de 58,5% para 58,4% – indicando uma reposição um pouco menos célere. No caso, a proporção de desocupados a menos de um mês diminuiu e a de um mês a menos de um ano aumentou, já que saíram de 16,7% e 41,8% para 14,3% e 44,1% entre os trimestres consecutivos mais recentes, respectivamente. Em um ano, por outro lado, ocorreu um aumento, já que a proporção de desocupados com tempo de procura inferior a um ano havia sido de 57,8%.

No terceiro trimestre deste ano, entre os desocupados baianos, 167 mil (14,3%) procuravam ocupação a menos de um mês; 515 mil (44,1%), de um mês a menos de um ano; 163 mil (13,9%), de um ano a menos de dois anos; e 324 mil (27,7%) buscavam há pelo menos dois anos. Na Bahia, portanto, 487 mil (ou 41,6%) pessoas vivenciavam um quadro de desemprego duradouro de julho a setembro deste ano – o que correspondia a 10,0% do contingente nessa circunstância em território brasileiro (4,850 milhões de pessoas).

---

<sup>6</sup> O nível da ocupação diz respeito ao percentual de ocupados em relação às pessoas em idade de trabalhar, enquanto a taxa de participação se refere ao percentual de pessoas na força de trabalho em relação às pessoas.



**Gráfico 6**

**Proporção de pessoas desocupadas por tempo de procura de trabalho – Bahia – 3º tri. 2018-3º tri. 2019**

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC).

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2019.

Além da alta no índice de desocupação em um ano na Bahia, a taxa composta da subutilização da força de trabalho também cresceu, passando de 38,5% para 39,0% do terceiro trimestre de 2018 para o trimestre mais atual – uma ampliação, portanto, de 0,5 ponto e o sétimo maior registro da série<sup>7</sup>. No Brasil, a taxa ficou em 24,0% no período retratado. Em um ano, a Bahia continuou com a terceira maior taxa de subutilização entre as unidades federativas. Em relação ao segundo trimestre do ano, quando o referido indicador registrou 40,1%, ocorreu uma minoração de 1,1 ponto percentual. Atualmente, 3,131 milhões de pessoas de 14 anos ou mais se encontram na condição de subutilizadas na Bahia.

O montante de desalentados em terras baianas no terceiro trimestre deste ano foi de 781 mil pessoas, o segundo maior da série<sup>8</sup>. Além do aumento de 18 mil (+2,4%) indivíduos nessa condição em um ano, houve alta de 15 mil (+2,0%) ao levar em consideração o segundo trimestre de 2019. Trata-se do maior contingente populacional de desalentados do país, constatação que se repete desde o início da pesquisa. Atualmente, a Bahia concentra 16,6% da população desalentada brasileira. O percentual de pessoas desalentadas em relação à população na força de trabalho ou desalentada no estado ficou em 10,1% no terceiro trimestre de 2019, o segundo maior registro da série histórica.

Considerando os grupamentos de atividade econômica, após um ano, o número de pessoas ocupadas recuou em cinco do total de dez setores. No caso, a redução do nível de emprego foi maior em *Alojamento e alimentação* (-10,6%), *Construção* (-7,1%) e *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* (-5,5%); e relativamente menor em *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura* (-3,2%) e *Outros serviços*<sup>9</sup> (-3,2%). Em compensação, a ocupação cresceu nos setores de *Administração pública, defesa, seguridade, educação, saúde humana e serviços sociais* (+7,7%), *Indústria geral* (+6,1%), *Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas* (+2,5%) e *Serviços domésticos* (+0,3%). O montante de pessoas ocupadas em *Transporte, armazenagem e correio*, por sua vez, não sofreu alteração de um ano para o outro.

7 A taxa composta da subutilização da força de trabalho retrata a relação entre o grupo dos desocupados, subocupados por insuficiência de horas trabalhadas e força de trabalho potencial e o grupo delimitado pela força de trabalho ampliada (que é a soma da força de trabalho com a força de trabalho potencial).

8 Os desalentados são aqueles fora da força de trabalho que estavam disponíveis para assumir um trabalho, mas não tomaram providência para conseguir trabalho no período de referência de 30 dias por pelo menos uma das seguintes razões: a) não ter conseguido trabalho adequado; b) não ter experiência profissional ou qualificação; c) não haver trabalho na localidade; ou d) por ser considerado muito jovem ou idoso.

9 O grupamento ocupacional *Outros serviços*, baseado na Classificação Nacional de Atividades Econômicas Domiciliar, engloba três seções: Artes, cultura, esporte e recreação; Outras atividades de serviços; e Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais.

Com base na PNADC, em sua edição trimestral, o rendimento médio real de todos os trabalhos, habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, no terceiro trimestre de 2019, na Bahia, foi estimado em R\$ 1.528 – o décimo quinto maior registro de toda a série. Em relação ao terceiro trimestre de 2018, quando o rendimento médio real estava em R\$ 1.577, houve recuo de 3,1%, e num comparativo com o trimestre anterior, quando o valor estava em R\$ 1.539, ocorreu uma variação negativa de 0,7%. A massa de rendimento real de todos os trabalhos, habitualmente recebido por mês, pelas pessoas ocupadas, foi estimada em R\$ 8,564 bilhões – diminuição de 1,0% frente à do trimestre imediatamente antecedente, de R\$ 8,647 bilhões, e contração de 4,0% num comparativo com a do mesmo trimestre do ano passado, cujo valor havia sido de R\$ 8,920 bilhões.

**Tabela 4**  
**Síntese das principais informações da PNAD Contínua – Bahia – 3º tri. 2018/2º tri. 2019/3º tri. 2019**

Indicador	Estimativa			Variação	
	3º tri. 2018	2º tri. 2019	3º tri. 2019	3º tri. 2019/ 2º tri. 2019	3º tri. 2019/ 3º tri. 2018
Taxa de desocupação	16,2%	17,3%	16,8%	-0,5 p.p.	0,6 p.p.
Nível da ocupação	48,9%	48,3%	48,4%	0,1 p.p.	-0,5 p.p.
Taxa de participação na força de trabalho	58,4%	58,4%	58,2%	-0,2 p.p.	-0,2 p.p.
Taxa composta de subutilização da força de trabalho	38,5%	40,1%	39,0%	-1,1 p.p.	0,5 p.p.
Taxa de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas	15,3%	16,4%	15,7%	-0,7 p.p.	0,4 p.p.
Percentual de desalentados (1)	9,8%	9,8%	10,1%	0,3 p.p.	0,3 p.p.
População em idade de trabalhar	11.976 mil	12.011 mil	11.988 mil	-0,2%	0,1%
População na força de trabalho	6.990 mil	7.020 mil	6.971 mil	-0,7%	-0,3%
Ocupados	5.860 mil	5.805 mil	5.802 mil	-0,1%	-1,0%
Subocupados por insuficiência de horas trabalhadas	898 mil	949 mil	913 mil	-3,8%	1,7%
Desocupados	1.130 mil	1.215 mil	1.170 mil	-3,7%	3,5%
População fora da força de trabalho	4.985 mil	4.991 mil	5.017 mil	0,5%	0,6%
População na força de trabalho potencial	1.073 mil	1.084 mil	1.048 mil	-3,3%	-2,3%
Desalentados	763 mil	766 mil	781 mil	2,0%	2,4%
População subutilizada	3.102 mil	3.248 mil	3.131 mil	-3,6%	0,9%
Rendimento médio real habitual	R\$ 1.577	R\$ 1.539	R\$ 1.528	-0,7%	-3,1%
Massa de rendimento real (2)	R\$ 8.920	R\$ 8.647	R\$ 8.564	-1,0%	-4,0%

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2019.

(1) Trata-se do percentual de pessoas desalentadas em relação à população na força de trabalho ou desalentada.

(2) Estimativa apresentada em milhões de reais.

## PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO

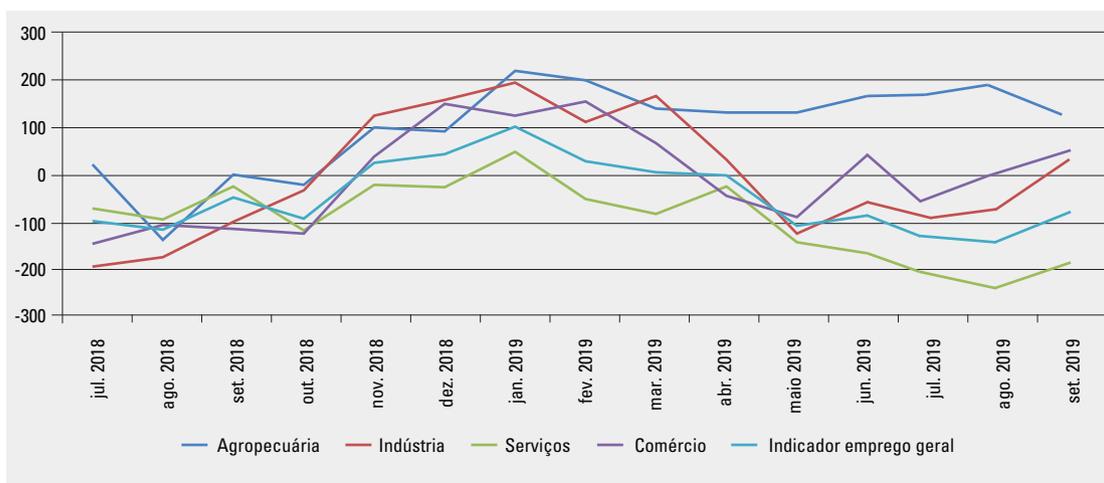
### Expectativa dos empresários baianos para o emprego

A Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano sonda as expectativas dos empresários de diversos setores sobre os mais variados temas, dentre os quais a inclinação à contratação futura de trabalhadores. Construído a partir das respostas do empresariado da Bahia em relação aos

planos de abrir, manter ou encerrar vagas, o Indicador de Expectativas para Emprego (IEE) tem sido negativo desde abril passado, ou seja, há seis meses – mas isso, após cinco meses, de novembro de 2018 a março de 2019, com valor acima de zero.

Após o mês de janeiro, quando atingiu 102 pontos, maior patamar desde março de 2013, o referido indicador entrou em rota de declínio até maio. Frente ao término do segundo trimestre, o intervalo atual indicou inicialmente um retrocesso, mas findou com uma leve melhora: julho, -129 pontos; agosto, -132 pontos; e setembro, -77 pontos. O mês de agosto, por sinal, registrou o mais baixo nível do ano até agora – aliás, o menor desde junho de 2018 (-149 pontos). Os resultados recentes, de qualquer forma, continuaram sugerindo certa apatia nas intenções de contratações em curto e médio prazos.

Em relação ao desfecho do trimestre imediatamente antecedente, no entanto, a melhora do indicador, quanto ao emprego, não se deu de forma generalizada (Gráfico 7). Entre as atividades, foram verificadas quedas na Agropecuária e Serviços. Os setores de Indústria e Comércio, por outro lado, apontaram altas das expectativas ao fim do período mais recente. Nesse contexto, o setor de Serviços terminou com o pior dos indicadores. Na outra ponta, o de Agropecuária revelou o maior nível de confiança em relação às contratações futuras. Faz-se importante destacar que, nesse quesito, o otimismo se espalhou e passou a ser a tônica de três e não mais de dois setores: Agropecuária, Indústria e Comércio.

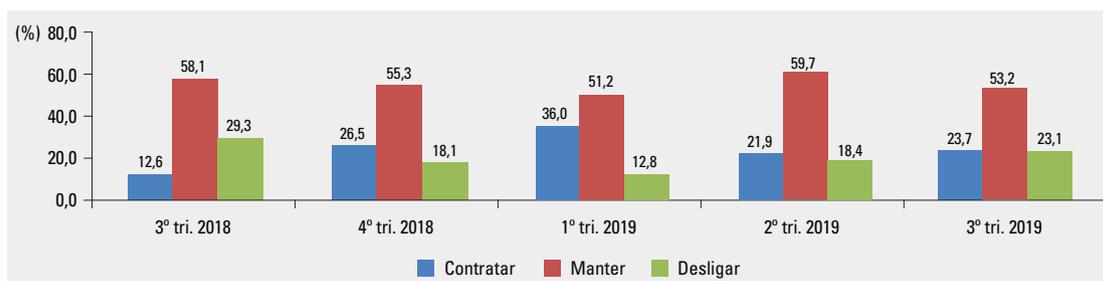


**Gráfico 7**  
**Evolução do Indicador de Expectativas para Emprego por setor de atividade – Bahia – Jul. 2018-set. 2019**

Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) – Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano.  
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2019.

No que diz respeito ao nível esperado de contratações futuras, 53,2% dos empresários planejam manter a quantidade atual de trabalhadores; 23,7% cogitam contratar; e 23,1% dos entrevistados pretendem promover o desligamento de empregados (Gráfico 8). Pontualmente, diminuiu a distância entre a proporção das empresas com intenção em dilatar o quadro de pessoal e a das que preveem comprimir, com aquela ainda se mantendo maior do que esta na passagem de um trimestre para outro, mas numa porção tão pequena agora que se pode falar em equilíbrio dessas forças.

Conforme o gráfico abaixo, o intento do setor produtivo baiano de enxugar o quadro de funcionários aumentou pela segunda vez consecutiva, após duas retrações sucessivas e o menor patamar da série recente. O fito de admitir, por sua vez, avançou após o baque do período imediatamente antecedente, mas ainda expôs um percentual abaixo do exibido ao final do ano passado. De resto, a perspectiva empresarial em manter o quantitativo de empregados voltou a se comprimir, depois de ter expandido e interrompido uma trajetória de quatro quedas subsequentes. Apesar de um resultado ainda comedido e balanceado, os sinais que indicam esperança por uma recuperação do mercado de trabalho, mesmo que demorada e tardia, permanecem no horizonte.



**Gráfico 8**  
**Percentual de respostas quanto ao quesito emprego por trimestre – Bahia – 3º tri. 2018-3º tri. 2019**

Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) – Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano.  
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2019.

## Projeção do emprego formal

De acordo com a projeção realizada pela SEI, no quesito emprego formal, o mercado de trabalho baiano interromperá momentaneamente seu processo de recuperação no último trimestre de 2019, com supressão líquida prevista de 16.323 vínculos de trabalho regidos pela CLT (Tabela 5). Tal resultado, desde que se concretize, não será de todo surpreendente, já que desde o ano de 2011, de forma recorrente, o quarto trimestre vem sendo marcado como um período de atrofia do mercado de trabalho celetista baiano. O espanto, no caso, se daria por conta da dimensão desse definhamento.

Na hipótese de tal expectativa se confirmar, o resultado líquido de empregos com carteira assinada no intervalo em questão representaria um grande dissabor, pois, além de impor perdas mais significativas que as observadas nos quartos trimestres dos dois últimos anos, anularia por completo a possibilidade de que o ano de 2019 venha a superar o de 2018 em termos de geração de postos de trabalho celetista na Bahia – o que impugnaria as previsões do começo deste ano. Além do mais, não se pode perder de vista, numa análise temporal mais ampla, que o resultado trimestral projetado representaria o quinto pior para um quarto trimestre desde 2006. Enfim, dessa maneira, tal projeção, caso se verifique, terminaria por atravancar o itinerário de restauração do mercado de trabalho em curso no estado desde 2017.

A eliminação líquida de empregos com carteira assinada esperada para o quarto trimestre de 2019 deverá ocorrer em seis dos oito grupamentos de atividades, sendo influenciada, principalmente, pelo comportamento dos setores de Agropecuária (-7.820 postos de trabalho), Serviços (-7.224 postos) e Indústria de Transformação (-4.373 postos). Por outro lado, Comércio (+4.235 empregos celetistas) e Serviços Industriais de Utilidade Pública (+180 postos) tendem a se caracterizar como os únicos acréscimos. As demais projeções podem ser visualizadas na tabela abaixo

**Tabela 5**  
**Projeção do saldo de empregos formais por setor de atividade econômica – Bahia – 4º tri. 2019**

Setor de atividade econômica	Saldo projetado
Extrativa Mineral	-64
Indústria de Transformação	-4.373
Serviços Industriais de Utilidade Pública	180
Construção Civil	-614
Comércio	4.235
Serviços	-7.224
Administração Pública	-643
Agropecuária	-7.820
<b>Total</b>	<b>-16.323</b>

Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2019.

O saldo projetado pela SEI conta com dados atualizados até setembro de 2019.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O combo de informações apresentadas neste boletim suscitou um misto de percepções. Se, por um lado, se mantêm as dúvidas do momento em que uma retomada propriamente dita (no sentido de regresso à condição ou ao padrão anterior) possa efetivamente ser sancionada e a economia possa retornar aos patamares da fase pré-crise, por outro, não há como negar que alguns avanços vêm ocorrendo e que um processo de regeneração em certo grau se encontra em curso.

Com a atividade econômica experimentando uma recuperação lenta e conturbada, o mercado de trabalho, que mantém uma relação de subordinação com o desempenho econômico, termina por não encontrar um ambiente propício para emplacar um processo de melhoria substancial e abrangente. Por outro lado, os empresários locais, ao revelarem expectativas um pouco menos degradadas que aquelas observadas ao término do trimestre imediatamente passado, suscitam alguma esperança de progresso e, com isso, a melhora relativa da confiança passa a se constituir num importante ingrediente de reforço para a materialização de novos avanços num futuro não muito distante.

Contudo, como projetado pela SEI, o saldo líquido estimado para os próximos três meses na Bahia, caso se confirme, representaria um fardo inconveniente, pois impactaria sobremaneira as chances de um resultado melhor em 2019 do que em 2018 em termos de geração de postos. Mesmo sem anular o entendimento de que o mercado de trabalho local ainda experimenta alguma evolução, um resultado assim poderá gerar certo abatimento e enfraquecer o juízo de que a recuperação do emprego no estado possa vir a alcançar maior consistência e vigor em médio prazo. Entretanto, no momento, independentemente do que possa se desenrolar no último trimestre do ano, a percepção continua sendo a de que o mercado de trabalho local seguirá o curso da reabilitação, mas provavelmente não deverá manifestar dinamismo extraordinário em curto e médio prazos. Portanto, hoje, de forma sucinta, ainda se pode arriscar dizer que o futuro parece mais promissor que outrora.

# NOTAS METODOLÓGICAS

## PESQUISA DE CONFIANÇA DO EMPRESARIADO BAIANO

A fim de monitorar o nível de confiança do setor produtivo do estado mensalmente, a Pesquisa de Confiança do Empresário Baiano efetua a produção contínua e sistemática de indicadores. O principal deles é o ICEB, Indicador de Confiança do Empresariado Baiano.

Realizada diretamente com federações, associações e sindicatos patronais representativos dos segmentos empresariais do Estado, a técnica de coleta utiliza um questionário com doze perguntas de cunho qualitativo e que versam sobre temas relacionados ao contexto macroeconômico (Inflação, Juros, PIB Nacional e PIB Estadual) e ao desempenho das empresas (Vendas, Crédito, Câmbio, Capacidade Produtiva, Situação Financeira, Emprego, Exportação e Abertura de Unidades).

Fruto de uma amostragem não-probabilística intencional, a Pesquisa conta, atualmente, com mais de cem entidades representativas dos setores produtivos do estado. A cobertura setorial da Pesquisa abrange quatro setores: Agropecuária; Indústria; Serviços; e Comércio.

Para chegar ao indicador geral é necessário, primeiramente, mensurar as respostas qualitativas do questionário. Atribui-se valor 1.000 para a resposta mais otimista; 500 para a resposta confiante; zero para a intermediária; -500 para aquela não confiante; e -1.000 para a mais pessimista. Desta maneira, é possível calcular indicadores por questão, tema e setor, sendo o ICEB fruto de uma média dos indicadores de confiança setoriais ponderados pelo valor adicionado de cada atividade no PIB.

O valor do ICEB e dos demais indicadores podem variar de -1.000 a 1.000. Dentro desse intervalo, quanto mais próximo de -1.000, maior o pessimismo associado. Em sentido contrário, mais perto de 1.000, maior o otimismo. O zero pode ser interpretado como ponto de indiferença.

Para efeitos ilustrativos, a Pesquisa trabalha com uma escala de grau de otimismo dividida em intervalos, a qual possibilita classificar o resultado conforme seu enquadramento: *Grande Pessimismo*, de -1.000 a -500; *Pessimismo*, de -500 a -250; *Pessimismo Moderado*, de -250 a zero; *Otimismo Moderado*, de zero a 250; *Otimismo*, de 250 a 500; e *Grande Otimismo*, de 500 a 1.000. Os valores de fronteira pertencem à zona imediatamente anterior, com o zero como ponto de orientação.

### Escala do ICEB



## PROJEÇÕES DO MERCADO DE TRABALHO FORMAL

As projeções do mercado de trabalho formal são construídas com base na metodologia de séries temporais. As estimativas são feitas para o número de admitidos e de desligados de cada um dos oito setores de atividade econômica. O saldo previsto para cada segmento será a diferença entre as admissões e os desligamentos projetados. O saldo geral, enfim, será o somatório dos saldos supostos para cada atividade.

O tratamento dado a determinado setor no processo de previsão depende de o mesmo ser considerado de menor ou maior impacto na dinâmica do mercado de trabalho local. O grupo de menor influência incorpora as atividades de Extrativa Mineral, Serviços Industriais de Utilidade Pública e Administração Pública. O de maior peso engloba Indústria de Transformação, Construção Civil, Comércio, Serviços e Agropecuária.

As séries do número de admissões e de desligamentos do setor, obtidas pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), são incluídas no procedimento de projeção independentemente do peso do segmento. O uso de variáveis explicativas, no entanto, somente ocorre para aquelas atividades apontadas como de maior impacto.

Para conceber tais previsões são utilizados o algoritmo de alisamento exponencial de Holt-Winters e a metodologia de Box-Jenkins com os modelos sazonais auto regressivos integrados de médias móveis (SARIMA) e sua extensão (SARIMAX). A adoção do modelo SARIMAX é para permitir a inclusão de variáveis explicativas.

